

Vocação coletiva

Atualmente há muitos clubes de leitura e espaços de mediação em Porto Alegre, mas poucos têm a trajetória da Confraria Reinações, criada em 2007 e dedicada à literatura infantojuvenil. Caio Riter está entre os fundadores. A origem do grupo revela também uma postura crítica diante do próprio campo literário. “Reinações surgiu como rebeldia”, conta. A ideia nasceu após um encontro frustrado em outro coletivo, no qual foi sugerida a leitura e o debate de um livro para jovens. A reação foi de desdém. Para Riter, o episódio sintetiza um preconceito ainda recorrente com o gênero. Para estudar e aprofundar a pesquisa, nasceu o Reinações.

Desde então, o grupo se consolidou como um espaço constante de leitura e debate. “É um grupo aberto, então a gente lança e quem quiser aparecer, aparece”, explica Riter, sobre os encontros mensais, que hoje acontecem na Cirandar, depois de passagens por diferentes espaços da cidade. O coletivo se firmou como um ponto de encontro para leitores, escritores e interessados na literatura para crianças e jovens, contribuindo para dar visibilidade ao gênero.

A iniciativa também teve impacto direto na formação de outros autores. O escritor Christian David relembra o início de sua trajetória: “Eu era um escritor iniciante e o



CAROLINE DA SILVA/ESPECIAL/JC

Recebendo o Prêmio AGES em 2017, por *Cecília que amava Fernando*

Caio foi muito receptivo e inclusive com alguém tão desconhecido como eu. Logo fizemos amizade e fundamos a Confraria Reinações juntos”. Ele destaca ainda a dimensão humana dessa relação: “Fiquei impressionado com a generosidade do Caio em acolher e ajudar livremente pessoas interessadas em literatura e escrita”.

Para Laura Castilhos, a experiência coletiva está diretamente ligada à sua atuação na Reinações. “Tenho a sorte de conviver com Caio há bastante tempo, mais precisamente 19 anos, quando comecei a frequentar a Confraria Reinações, uma de suas grandes iniciativas literárias”, afirma. Ela destaca o caráter pioneiro do grupo no Rio Grande do Sul. Laura

também chama atenção para o papel simbólico do coletivo: “Reinações analisa e discute obras infantis e juvenis e coloca esse segmento da literatura onde ele sempre deveria estar: nas alturas, taco a taco com a dita literatura adulta (aliás, tudo é literatura!)”.

Essa vocação coletiva se desdobra em outro projeto: o Coletivo Seis+1, formado por Riter, Christian David, Alexandre Brito, Antônio Schimeneck, Gláucia de Souza e Laura Castilhos. “Eu já vinha há um tempo querendo reunir um grupo de escritores para a gente pensar, se reunir para conversar sobre a escrita”, conta Riter. A ideia ganhou forma durante a pandemia, quando os encontros passaram a acontecer semanalmente.

O nome do grupo carrega, desde o início, uma proposta de abertura. “Seis mais um porque a ideia era que, a cada mês, a gente incluísse uma pessoa no grupo no sentido de trazer novas ideias para a gente não ficar encastelado só entre nós seis.” Ainda que o núcleo tenha se mantido estável, formado por seis autores, a lógica de troca e circulação de ideias permanece como princípio.

A passagem da conversa para a criação coletiva veio pouco depois. “Chegou um determinado momento que a Gláucia disse: por que a gente não escreve juntos?”, lembra Riter. O primeiro resultado foi a novela juvenil *E Fiquem Bem*, concebida durante a pandemia, mas sem referência direta ao contexto. “A gente quis falar da pandemia sem falar da pandemia”, explica, criando “um prédio onde moram cinco pessoas” como espaço simbólico da narrativa.

O livro foi finalista do Jabuti e abriu caminho para novas experiências, como *Por Enquanto*, obra de poesia juvenil. Um dos traços mais marcantes do coletivo é a recusa da autoria individual: “aparece o nome dos seis na capa, mas quem fez o quê, a gente não revela”. Em alguns casos, os textos são reescritos coletivamente. Em outros, se mantêm a voz de um único autor, ainda que dissolvida no conjunto.

Livros marcantes e influências

Ao revisitar a própria trajetória, Caio Riter organiza suas obras a partir de marcos afetivos e de circulação. Entre eles, *O rapaz que não era de Liverpool* ocupa um lugar central. “Às vezes eu brinco assim, AR, antes do Rapaz, DR, depois do Rapaz”, diz, ao destacar o impacto do livro. “Até hoje, fora do Rio Grande do Sul, eu sou muito ligado a ele”, afirma.

Outra obra que ele considera um marco é *A cor das coisas finas*, associado ao reconhecimento institucional. “Foi a primeira vez que eu recebi um

prêmio literário”, lembra, referindo-se ao Açorianos. Já no campo da literatura infantil, ele cita *Sete Patinhos na Lagoa*, “um dos mais traduzidos”, que conquistou leitores dentro e fora do Brasil.

Mas é em *Meu pai não mora mais aqui* que aparece uma dimensão mais direta da relação com os leitores. Escrito em forma de diário, o livro alcançou grande circulação ao ser adquirido por políticas públicas e chegar às bibliotecas escolares. “Os adolescentes, quando leem esse livro, têm vontade de fazer contato comigo”, conta. Pelas redes, recebe relatos que o marcaram: “Foi o primeiro livro que eu li inteiro”, “foi o primeiro livro que eu li na minha vida, ler de verdade”. Esse livro me dá essa alegria”, resume.

Ao lado dessas obras, há também aquelas que ganham vida no encontro com o público infantil, como *Fusquinha cor-de-rosa*. “As crianças amam muito”, admite. Tanto que uma biblioteca da

escola de Morro Reuter leva seu nome e foi toda ambientada a partir do livro.

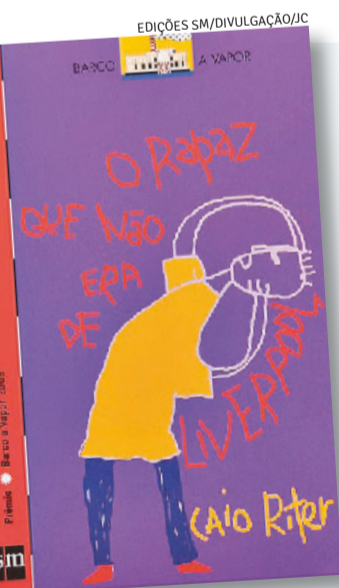
Na tentativa de encontrar um caminho para essa escrita, Riter buscou autores que admirava. “Quem é que escreve bem pra jovem e que eu gosto do jeito que escreve?”, se perguntou. Entre as referências, aparecem duas escritoras gaúchas: Lygia Bojunga e Jane Tutikian. Sobre Bojunga, destaca a profundidade emocional. “Ela tem uma coisa de mergulho na dor, no sofrimento do personagem, ainda que siga um caminho diferente do meu, mais ligada ao fantástico”, diz. Já no caso de Tutikian, a identificação passa por um tom mais direto. “Eu gostava muito de um livro dela, *A cor do azul*, que é um livro bem intimista”, afirma, reconhecendo ali uma aproximação com o tipo de narrativa que também buscava desenvolver.

Há, porém, um livro que ocupa um lugar singular. “Tem uma obra que eu sempre digo que gostaria de ter escrito”, afirma, referindo-se a *O Apanhador no Campo de Centeio*, de J. D. Salinger. “Pra mim é o melhor texto para jovem já escrito”, diz. “Eu acho que às vezes é um pouco isso que eu busco”, resume, “produzir um texto que dialogue com o que o Salinger fez.”

Destaques da obra de Caio Riter

Caio Riter soma mais de cem publicações. Aqui listamos dez delas, como pontos de partida para sua obra

- **Chico** (infantojuvenil). 2ª ed. Porto Alegre: WS Editor, 2001. (esgotado)
- **O rapaz que não era de Liverpool** (juvenil). São Paulo: Edições SM, 2006.
- **Meu pai não mora mais aqui** (juvenil). São Paulo: Biruta, 2008.
- **A formação do leitor literário em casa e na escola** (didático). São Paulo: Biruta, 2009.
- **Vento sobre terra vermelha** (contos). Porto Alegre: 8Inverso, 2012.
- **Futurações** (poesia juvenil). Porto Alegre: Projeto, 2014.
- **Cecília que amava Fernando** (juvenil). Porto Alegre: Editora da Cidade, 2016; 2ª ed. Editora Edelbra, 2018.
- **Três dias e mais alguns** (juvenil). São Paulo: Editora do Brasil, 2019.
- **Rinocerontes alados** (juvenil) – Porto Alegre: BesouroBox, 2022
- **Pássaro possível** (juvenil) – São Paulo: Editora Elo, 2024



EDIÇÕES SM/DIVULGAÇÃO/JC



TÂNIA MEINERZ/JC

Caio Riter: ‘A literatura para a infância tem que ser um espaço de imaginação’



EDITORA ELO/DIVULGAÇÃO/JC

✦ Rafael Gloria é jornalista, mestre em Comunicação (Ufrgs) e editor do site Nonada Jornalismo.